

ENTRE O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO”: PENSANDO SAÍDAS DO NÃO LUGAR DA EF ESCOLAR II*

Ms. FERNANDO JAIME GONZÁLEZ

Mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFSM

Doutorando em Educação Física UFRGS

Professor do Departamento de Pedagogia Unijuí

Dr. PAULO EVALDO FENSTERSEIFER

Doutor em Educação pela Unicamp

Professor do Departamento de Pedagogia Unijuí

Resumo | O presente texto desenvolve-se a partir da consideração de que a educação física (EF) escolar brasileira passa por um processo de transformação que nos coloca, por um lado, diante do abandono de um discurso legitimador centrado no “exercitar-se para...” e, por outro, nas dificuldades encontradas na construção e efetivação de um novo modo de legitimação no espaço escolar. Apontamos como perspectiva para enfrentamento desse desafio a possibilidade de a EF produzir respostas que levem em conta a especificidade da instituição em que se encontra, identificando o campo de conhecimento que lhe é particular e o modo como os conhecimentos são tratados. Por fim, reconhece que tal tarefa, como a República, em uma sociedade democrática, é tarefa de todos os implicados. Nesta parte do texto procuramos dar conta de um segundo movimento, que consiste em uma explicitação da tarefa da EF enquanto componente curricular no interior desta instituição republicana denominada escola.

Palavras-chave | Educação física escolar; educação republicana; legitimação pedagógica.

* Este texto desenvolve as ideias contidas em texto publicado em caderno anterior. Para uma melhor compreensão, sugerimos a leitura da primeira parte.

INTRODUÇÃO

No texto anterior esboçamos nossa compreensão do papel da escola como instituição republicana em uma sociedade democrática. Cabe agora o desafio de traçar os desdobramentos dessa compreensão para o âmbito da EF enquanto componente curricular no interior dessa instituição.

QUAL É O PROJETO DE EF PARA ESTA IDEIA DE ESCOLA...

Neste segundo movimento, nos poderíamos deter na questão: Para que EF na escola? Esboçamos para isso um exercício semelhante ao anteriormente realizado em relação à escola. Afinal,

- não teríamos atividade física sem EF na escola?
- não nos exercitaríamos sem EF na escola?
- não nos socializaríamos sem EF na escola?
- não haveria lazer sem EF na escola?
- não teríamos aptidão física sem EF na escola?
- não haveria esporte, ginástica, dança, lutas, jogos... sem EF na escola?
- não teríamos saúde sem EF na escola?

O bom senso parece-nos indicar que também nesse caso não teríamos nenhuma resposta negativa. Logo, cabe interrogar: O que significa a existência da EF escolar para cada um desses temas? Ou ainda, sabendo que os fenômenos elencados não são a EF, cabe a pergunta: O que muda na nossa relação com eles ao conhecê-los/vivenciá-los como conteúdos da EF escolar?

Da resposta dada a essa interrogação derivarão aqueles que podemos chamar de “nossos problemas de ordem didático-metodológica”, aos quais devemos responder em nossas intervenções, sempre de forma contextualizada (não existem respostas inteiramente *a priori*).

Temos trabalhado com a noção de que a educação física, tradicionalmente, pouco tem sido pensada dentro de um projeto educacional pautado pela ideia da “leitura do mundo”. Diversos estudos em nossa área têm revelado que originalmente a EF entra na escola com o claro propósito de preparação do corpo e/ou, por meio do corpo, do caráter. Ainda tem mantido um sentido periférico e autônomo com respeito aos projetos escolares, atendendo, geralmente, a interesses de outras instituições. Longe, assim, do que podemos considerar um componente curricular no sentido de matéria escolar.

A EF, conforme nossa leitura, passou recentemente no meio acadêmico, e mais recentemente ainda, no aspecto legal, a ser considerada o que poderíamos denominar de um componente curricular no sentido de matéria escolar. Isso significa

[...] não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno (SOUZA JÚNIOR, 2001, p. 83).

Nessa linha, a EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania.

Afirmações próximas a essa se encontram em outros autores (BETTI, 2003; CASTELLANI FILHO, 1998) e inclusive nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998). Mas o que consideramos relevante nesse momento é a ênfase no fato de que tratamos de uma dimensão da cultura e que temos uma responsabilidade com o conhecimento produzido em torno dela, algo, portanto, que vai muito além do “exercitar-se”.

A tomada de posição a que somos convocados, individual e coletivamente, assume um caráter de ruptura paradigmática, afinal, são longos anos de uma tradição em que os aspectos específicos desta instituição

republicana chamada “escola” não nos diziam respeito. Nosso fazer não passava de uma “atividade” que acontecia no seu interior. Nosso compromisso resumia-se a uma “atividade” (fazer) e hoje somos desafiados a construir um saber “com” esse fazer. Mais que isso, pensar um saber que se desenvolve ao longo dos anos escolares em complexidade e criticidade.

ELEMENTOS PARA PENSAR UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pautados nesse entendimento, dois elementos se destacam para pensar uma proposta de EF articulada a um projeto de escola como instituição republicana. O primeiro refere-se a identificar o campo de conhecimentos que lhe são particulares e, como tal, justificam que a EF assuma o estatuto de disciplina escolar com responsabilidades específicas em um projeto educacional que potencialize uma relação mais lúcida com o mundo. O segundo refere-se a como os conhecimentos culturais, dos quais a EF se ocupa, devem ser abordados em função das próprias características do universo em estudo e desta ser uma disciplina escolar, e não apenas um espaço para reproduzir/imitar o que acontece fora dela.

Campo de conhecimento da educação física escolar

Entendemos que a EF deve ocupar-se dos conhecimentos referidos: a) às possibilidades do se-movimentar¹ dos seres humanos; b) às práticas corporais sistematizadas vinculadas ao campo do lazer e à promoção da saúde; e c) às estruturas e representações sociais que atravessam esse universo. Essas três dimensões, se bem vinculadas, são constituídas de tipos diferentes de conhecimentos, o que tem dificultado encontrar/construir uma expressão conceitualmente precisa para denominá-las, apesar de diversos intentos².

1. No sentido descrito por Kunz (2005).

2. Cultura física (PEREIRA, 1988; BETTI, 1992), cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRACHT, 1992), cultura de movimento (KUNZ, 1991; BRACHT, 1992), cultura corporal de movimento (BETTI, 1994, 1996).

A dimensão que se refere às possibilidades do se-movimentar dos seres humanos aparece na EF como um esforço de oportunizar, particularmente à criança, o aprofundamento do conhecimento do próprio corpo, sua capacidade de realizar movimentos e de relacionar-se corporalmente com as dimensões espaço-temporais do ambiente físico. Esse conhecimento brota da experiência que permite a síntese das possibilidades filogenéticas dos seres humanos para se-movimentar e os desafios oportunizados/colocados pelo contexto cultural.

Partimos da ideia de que os seres humanos, no transcurso histórico, foram descobrindo/construindo possibilidades de usar seu corpo, as quais se acumularam como conhecimento cultural tácito nos diferentes grupos sociais; e esse conhecimento é atualizado quando as crianças são desafiadas a realizarem movimentos que se entendem possíveis, mas também desejáveis.

Nessa lógica, a EF se esforça, enquanto área escolar, para oportunizar às crianças desafios motores sistematizados/racionalizados, segundo diferentes perspectivas, para construir esses conhecimentos. Essa disciplina buscaria oportunizar, nessa dimensão, chances para a criança descobrir/aprender outras possibilidades de movimento daquelas oferecidas culturalmente pelo seu entorno social imediato, contribuindo, dessa maneira, para a construção de novas referências sobre seu próprio corpo, potencialidades para se-movimentar e interagir com o ambiente. Nessa dimensão, o conhecimento da EF se materializa principalmente na experiência, sendo as oportunidades de movimento oferecidas mais um meio de conhecimento e não mera “excrescência” de objetos culturais a serem conhecidos.

Isso não pode confundir-se, entretanto, com a ideia de que se trata de desenvolver aspectos naturais da criança na medida em que as experiências propiciadas na EF são pautadas em um determinado entendimento científico/cultural do que está acontecendo nessa experiência e, conseqüentemente, encontra-se socialmente condicionada. Além disso, também é importante entender que, se nessa dimensão de conhecimento a experiência de movimento ocupa um lugar central, não significa assumir uma noção de vivência pura (acultural). Isso porque não há experiência

humana que possa acontecer no vazio social, logo, sempre estará encharcada de valores e formas de entender o mundo.

A segunda dimensão do conhecimento da EF se refere ao estudo das práticas corporais sistematizadas. Do ponto de vista da delimitação, essa dimensão passa pelas mesmas dificuldades do campo como um todo, não tendo sido possível rotular com um conceito preciso quais as práticas corporais de que essa disciplina “cuida”. Essa característica tem levado os autores a trabalharem com um conceito amplo, seguido da enumeração de um conjunto de práticas corporais específicas que seriam por ele denominado, marcando, dessa forma, que existem outras que, ainda sendo práticas corporais sistematizadas, não fazem parte do conjunto que a EF estuda³.

De nossa parte entendemos a EF enquanto componente curricular que deve ocupar-se com o estudo do conjunto de práticas corporais sistematizadas que se vinculam⁴ com o campo do lazer, o cuidado do corpo e a promoção da saúde. Assim, entendemos que as práticas sociais estudadas têm alguns elementos em comum, como: a) o movimento corporal como elemento essencial; b) uma organização interna (de maior ou menor grau) pautada por uma lógica específica; e c) serem produtos culturais vinculados com o lazer/entretenimento e/ou o cuidado do corpo e a saúde. Nessa perspectiva, as práticas corporais que fazem parte⁵ do campo de estudo da EF são acrobacias, atividades aquáticas, dança, esporte, exercícios físicos, jogos motores, lutas, práticas corporais introspectivas, práticas corporais de aventura na natureza.

3. Por exemplo, o Coletivo de Autores (1992, p. 38), quando caracteriza a cultura corporal, considera que é “o acervo das formas de representação do mundo que o homem tem produzido no transcurso da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica [...]”.

4. Usamos a expressão “vinculam” porque entendemos que muitas dessas práticas que incluímos nessa categoria deixaram de estar vinculadas exclusivamente ao campo do lazer e passaram a ser parte do mundo profissional.

5. Essa lista também depende da conceituação de cada uma das categorias de práticas, motivo pelo qual o leitor seguramente poderá fazer objeções fundadas pela inclusão/denominação de uma prática e/ou a exclusão de outra.

O universo de conhecimentos que compõem essa segunda dimensão reúne tanto os saberes produzidos pela experimentação da prática corporal, como os conhecimentos conceituais sobre a estrutura e dinâmica desta e os significados sociais a ela atribuídos.

Finalmente, a terceira dimensão de conhecimento da EF refere-se às estruturas e representações sociais que atravessam o universo das práticas corporais mencionadas sem estar necessariamente vinculadas de forma específica a uma delas. Essa dimensão é composta pelos conceitos que permitem refletir sobre a origem e a dinâmica de transformação nas representações e práticas sociais que se relacionam com as atividades corporais de tempo livre, o cuidado e a educação do corpo, seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual, bem como os agentes sociais envolvidos em sua produção (estado, mercado, mídia, instituições esportivas, organizações sociais etc.).

Trata-se de conhecimentos elaborados em diversos campos científicos que têm as práticas corporais como um de seus temas em estudo. Entre outras áreas, destacam-se a sociologia, antropologia, política, saúde coletiva, epidemiologia, fisiologia, anatomia, as quais, desde suas perspectivas específicas, oferecem conhecimentos que podem ajudar na compreensão dos diferentes aspectos que atravessam o fenômeno das práticas corporais vivenciadas pelos sujeitos no interior dos espaços socioculturais.

A abordagem dos conhecimentos na educação física escolar

Demarcado o campo de conhecimentos do qual trata a disciplina, o segundo elemento relevante para pensar uma proposta de EF se refere a como os conhecimentos culturais com os quais ela se ocupa devem ser abordados. Para responder a essa pergunta, identificamos dois vetores condicionantes. Por um lado, as características do universo em estudo e, por outro, o fato de a EF ser uma disciplina escolar que demanda um tipo diferente de tratamento dos elementos em estudo daquele propiciado por outras instituições.

Características dos fenômenos que se estudam

No que se refere ao primeiro aspecto, reconhecemos que o universo do qual a EF deve dar conta impõe pelo menos duas exigências para seu estudo: a) o tratamento da pluralidade das práticas corporais sistematizadas; e b) a necessidade de conhecer corporal e conceitualmente os temas em estudo.

Em relação à primeira exigência, coloca-se para a EF a necessidade de tematizar a pluralidade do rico patrimônio de práticas corporais sistematizadas e as representações sociais a elas atreladas. Essa ideia se justifica no entendimento de que cada uma das manifestações que compõem esse universo da cultura proporciona ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimento e de experiência que não lhe seria proporcionado de outro modo. A vivência em cada uma dessas manifestações corporais não é apenas um meio para se aprender outra coisa, pois ela gera um tipo de conhecimento muito particular, insubstituível. Portanto, se não for oferecida ao estudante a chance de experimentar boa parte do leque de possibilidades de movimento sistematizadas pelos seres humanos ao longo de vários anos, ele estará perdendo parte do acervo cultural da humanidade e uma possibilidade singular de perceber o mundo e de perceber-se⁶.

Além da pluralidade de práticas corporais, os conhecimentos atrelados a elas são igualmente diversos e, conseqüentemente, entende-se que todos eles devem ser objeto de estudo. Isso significa que os saberes produzidos pela experiência das manifestações corporais não podem ser substituídos pela reflexão conceitual sobre elas, da mesma forma que os conhecimentos originados na vivência da prática não substituem as ferramentas cognitivas fornecidas pelos conceitos. Esses saberes se

6. É esse princípio que pode oportunizar o desenvolvimento de um dos objetivos da escola entendido como o de “[...] fomentar a pluralidade de formas de viver, pensar e sentir, estimular o pluralismo e cultivar a originalidade das diferenças individuais como expressão mais genuína da riqueza da comunidade humana e da tolerância social” (GIMENO-SACRISTÁN; PÉREZ-GÓMEZ, 1998, p. 24).

complementam e, por isso, exigem ser tratados de forma específica e articulados numa proposta de EF escolar.

A abordagem do conhecimento em uma disciplina escolar

O segundo vetor condicionante das decisões a serem tomadas a respeito de uma proposta de EF se refere a que uma disciplina escolar deve possibilitar a releitura e a apropriação crítica dos conhecimentos do campo da cultura que estuda, oportunizando que o aluno reconheça a condição histórica das práticas sociais das quais se ocupa. Nessa linha, os conhecimentos propiciados pela EF na escola não devem ser aqueles (ou limitar-se àqueles) ensinados pelas instituições não escolares que lidam com práticas corporais sistematizadas⁷. Na EF escolar, logicamente, não se pode desconhecer o que lá ocorre, já que esse aspecto é um dos temas sobre os que deve refletir. Porém o propósito da disciplina é oferecer aos alunos o que nessas instituições não encontrarão: a possibilidade de colocar em questão os sentidos hegemônicos que nelas predominam e que se apresentam como que “esquecidos” da sua condição de uma possibilidade de sentido, entre outros.

Em contrapartida, o esforço da não reprodução não pode ser confundido pela ideia de restringir o conhecimento ensinado na EF àquilo que o professor, com base em seus valores e convicções ideológicas, acredita como mais adequado para um novo projeto de formação humana e social. Como já mencionado, o mundo em que o aluno deverá viver não pode ser antecipado desde a intervenção educativa. Resta ao projeto pedagógico fazer todo o possível para que o estudante entenda o mundo sociocultural como uma construção (plural, dinâmica, contraditória, conflitante) e que se coloque à altura dos problemas de seu tempo nessa área para, dessa forma, potencializar decisões mais lúcidas para atuar no mundo.

7. Acreditamos que esse princípio favorece o desenvolvimento de outro objetivo básico da escola: “provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e formas de conduta que os alunos e alunas assimilam direta e acriticamente nas práticas sociais de sua vida anterior e paralela à escola” (GIMENO-SACRISTÁN; PÉREZ-GÓMEZ, 1998, p. 25).

ENFIM...

Assumir a responsabilidade pela construção do “ainda não” em EF escolar significa pensá-la dentro de um projeto escolar, não cabendo heroísmos pessoais nem disciplinares para “salvar” a escola, a educação ou a sociedade. Assim como a República em uma sociedade democrática é tarefa de todos os envolvidos, também a educação escolar o é, a qual deve ser pensada de modo que articule as diferentes especificidades em torno da tarefa de propiciar às novas gerações um alargamento em suas compreensões de mundo. Cabe a cada componente curricular fazer isso na especificidade de seus conteúdos, constituindo-se em espécie de “janelas para o mundo”. Um bom início para essa empreitada é assumirmos a condição de agentes nesse processo, para o que é necessário autorizar-se a pensar, no interior dos contextos de atuação, como atender, no plano das práticas pedagógicas em EF, a responsabilidade que a sociedade deposita nesta instituição republicana denominada “escola”. As ideias aqui esboçadas têm esse intento sem jamais pretender substituir os sujeitos, pois, mais que produzir soluções, interessa-nos o lugar dos sujeitos na produção dessas soluções, só assim elas serão “nossas soluções”.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. A crise na educação. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BERTICELLI, I. A. *A origem normativa da prática educacional na linguagem*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo grau: educação física para quê?. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Maringá, v. 3, n. 2. p. 282–287, 1992.

_____. Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.

_____. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.

_____. Imagem e ação: a televisão e a educação física escolar. In: BETTI, Mauro (org.). *Educação física e mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Hucitec, 2003, v. 1, p. 91-137.

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____; GONZÁLEZ, F. J. Educação física escolar. In: GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (orgs.). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005, p. 144-150.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CARVALHO, José S. F. Algumas reflexões sobre o papel da escola de 2º grau. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, Suplemento 2, p. 36-39, 1996.

CASASSUS, Juan. *Tarefas da educação*. Campinas: Autores Associados, 1995.

CASTELLANI FILHO, L. *Política educacional e educação física*. Campinas: Autores Associados, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. *Educação como prática corporal*. São Paulo: Scipione, 2004.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GIMENO-SACRISTÁN, J.; PÉREZ-GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; LEMOS, Lovane Maria. Formação do corpo e o caráter: representações sociais dos gestores educacionais das escolas das redes públicas do município de Ijuí sobre o papel da educação física na educação formal. In: XII JORNADA DE PESQUISA, 2007. *Anais da Jornada de Pesquisa*, 8. Ijuí: Editora Unijuí, 2007, p. 1-3.

IMPOLCETTO, F. M. et al. Educação física no ensino fundamental e médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 6, p. 89-109, 2007.

- KUNZ, Elenor. *Educação física: ensino & mudança*. Ijuí: Editora Unijuí, 1991.
- _____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.
- _____. Se-movimentar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- LIBÂNEO, José C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.
- NASCIMENTO, M. C. P. *Uni-duni-tê: professores selecionando conteúdos em uma crise da educação física*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.
- OLIVEIRA, A. B. Apresentação. In: GRESPAN, M. R. *Educação física no ensino fundamental: primeiro ciclo*. Campinas: Papirus, 2002.
- PEREIRA, Flávio Medeiros. *Dialética da cultura física*. São Paulo: Ícone, 1988.
- SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SOUZA JÚNIOR, M. B. M. O saber e o fazer pedagógicos da educação física na cultura escolar: o que é um componente curricular?. In: CAPARRÓZ, Francisco Eduardo (Org.). *Educação física escolar: política, investigação e intervenção*. Vitória: Proteoria, 2001, p. 81-92.
- STEIN, E. *Epistemologia e crítica da modernidade*. Ijuí: Editora Unijuí, 1991.

Recebido: 5 maio 2009
Aprovado: 25 maio 2009

Endereço para correspondência
Paulo Evaldo Fensterseifer
Rua das Chácaras, 632
Ijuí – RS
CEP 89700-000
fenster@unijui.edu.br